Europa pode optar por salvar a Grécia e evitar o mal maior

Crescem as manifestações em defesa da permanência do país na Eurozona, reduzindo efeitos da crise da dívida

Cláudia Bredarioli
cbredarioli@brasileconomico.com.br

Aris Messinis/AFP

Protestos se tornaram frequentes na Grécia, depois dos anúncios de medidas de austeridade exigidas por União Europeia, FMI e BCE

Disputas políticas à parte, os cálculos financeiros parecem começar a mostrar que a Europa vai arcar com um prejuízo muito menor se assumir o ônus da dívida grega do que se deixar o país afundar sozinho fora da Zona do Euro. Diante da clareza dos números, têm se tornado mais frequentes as declarações de líderes europeus em defesa da continuidade da Grécia no grupo. Só ontem, manifestaram-se favoravelmente os ministros das finanças da Alemanha e da França e um diretor-executivo do Banco Central Europeu (BCE).

Com base nos dados mais recentes, é possível estimar uma "economia" em torno de € 700 bilhões caso a União Europeia (EU) opte por evitar que a economia grega tenha que recorrer novamente à dracma, sua antiga moeda, segundo números levantados pelo professor Leonardo Trevisan, do curso de relações internacionais da ESPM.

De acordo com cálculo do britânico Escritório de Regulação Orçamentária, há de se esperar um prejuízo de pelo menos € 1 trilhão com um calote grego. "Isso sem contar as questões imponderáveis que delineiam as decisões do mercado financeiro. No caso do Lehman Brothers, por exemplo, esse custo imponderável mostrou que pode ser bem alto", avalia Trevisan.

Ao mesmo tempo, contas do suíço UBS mostram que a UE teria de oferecer à Grécia mais € 182 bilhões — além dos € 140 bilhões já emprestados — para que o país conseguisse cumprir seus compromissos. "Só a quebra de contratos envolvendo a Grécia soma um valor próximo a isso, de € 274 bilhões", compara Trevisan.

As manifestações em torno da permanência grega no euro ganharam força após a reunião do G8 (grupo dos oito países mais ricos), realizada no fim de semana nos Estados Unidos, onde teve destaque o discurso em prol da manutenção das reformas fiscais na Europa com vista à recuperação econômica da região. Ao mesmo tempo, os dirigentes europeus se preparam para um encontro, marcado para amanhã, que terá como foco o risco de uma saída da Grécia da Eurozona e suas consequências, como a possível piora da situação de países como Espanha.

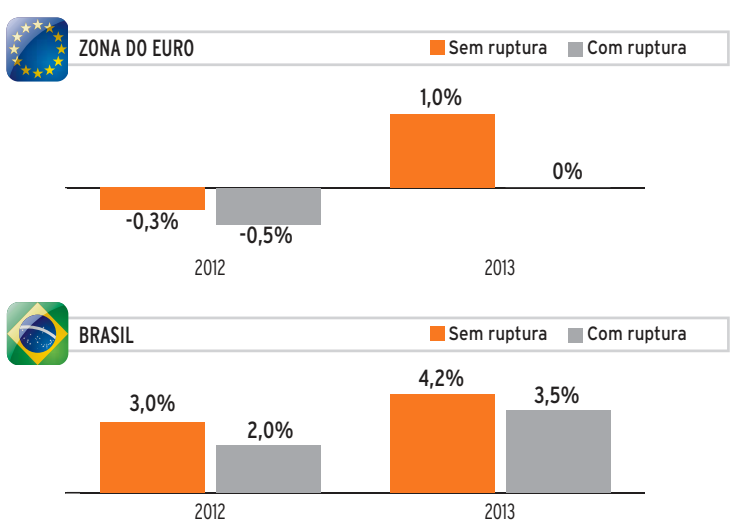
"A Espanha sem dúvida seria uma das mais afetadas, tanto pelo cenário recessivo como pelo frágil sistema bancário. Muitos investidores já desconfiam da capacidade de sobrevivência dos bancos espanhóis e um agravamento da crise do euro poderia levar ao caos o sistema financeiro da Espanha", estima o economista e especialista do Instituto Millenium, Rodrigo Constantino.

Caso o calote grego se confirme, outro socorro financeiro iminente será o dos bancos franceses — que são os maiores detentores da dívida grega. Mas, se é difícil cravar o exato impacto econômico de uma eventual saída grega do euro — a nova dracma desvalorizada em até 70%, a inflação galopante, o colapso dos bancos e a crise no comércio —, mas mais imprevisíveis ainda são as consequências para os gregos comuns. Há previsão até mesmo de que a população tenha que recorrer ao escambo para realizar trocas até que a moeda se consolide. Justamente por isso, pesquisas apontam que 88% dos gregos querem a continuidade da participação na Zona do Euro.

Ainda assim, segundo Constantino, poucos arriscariam dizer que a Grécia ainda estará no euro em um prazo mais longo, como 12 ou 18 meses. "Claro que a Alemanha sempre pode postergar o dia do juízo final, principalmente se aceitar que o BCE forneça novas linhas de liquidez", diz o economista.

SEM PARAQUEDAS

Previsão de crescimento em relação ao PIB, com e sem a Grécia na Zona do Euro



Fontes: FMI, Gradual Investimento e Brasil Econômico

Outra marolinha

No Brasil, porém, a presidente Dilma Rousseff disse que não vai chegar essa onda de crise. "Agora nós estamos mais fortes do que estávamos em 2008/2009", afirmou a presidente, numa referência à fase mais aguda da última crise econômica global. "Me perguntaram outro dia se estamos preparados para o que puder acontecer na Europa. Eu posso assegurar a vocês que nós estamos 100% preparados, 200% preparados, 300% preparados".

Ela também revisitou o argumento de que o grande volume de reservas internacionais que o país tem atualmente representa uma proteção contra "o que quer que aconteça" na economia global. O discurso de Dilma ocorreu horas após o presidente do Banco Central, Alexandre Tombini, adotar tom tranquilizador em relação à economia brasileira durante discurso em evento em São Paulo *(leia mais na pág. 6)*. ■ **Com Reuters**

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais.

Alemanha deve arcar com custo político

Governo de Angela Merkel é o que mais tem se manifestado contrário a ajudar a Grécia

Com a crise grega — e, consequentemente europeia — perto de seu limite, parece não haver outra opção aos líderes da região que não a de tentarem negociar a saída menos custosa para essa situação. Esse cenário, porém, aponta para a possibilidade de uma grande perda política para o governo da chanceler alemã Angela Merkel, que tem se mostrado uma defensora ferrenha da manutenção da austeridade nos acordos com a Grécia.

"O quadro ficou mais claro agora que foi quantificado e qualificado e isso, sem dúvida, põe os líderes desses países para sentarem para conversar", diz Leonardo Trevisan, professor do curso de relações internacionais da ESPM. "É provável que os alemães tenham que aceitar e isso será uma perda para o governo Merkel".

O caos político e a ascensão da extrema-esquerda grega têm alimentado a perspectiva de saída do país do euro

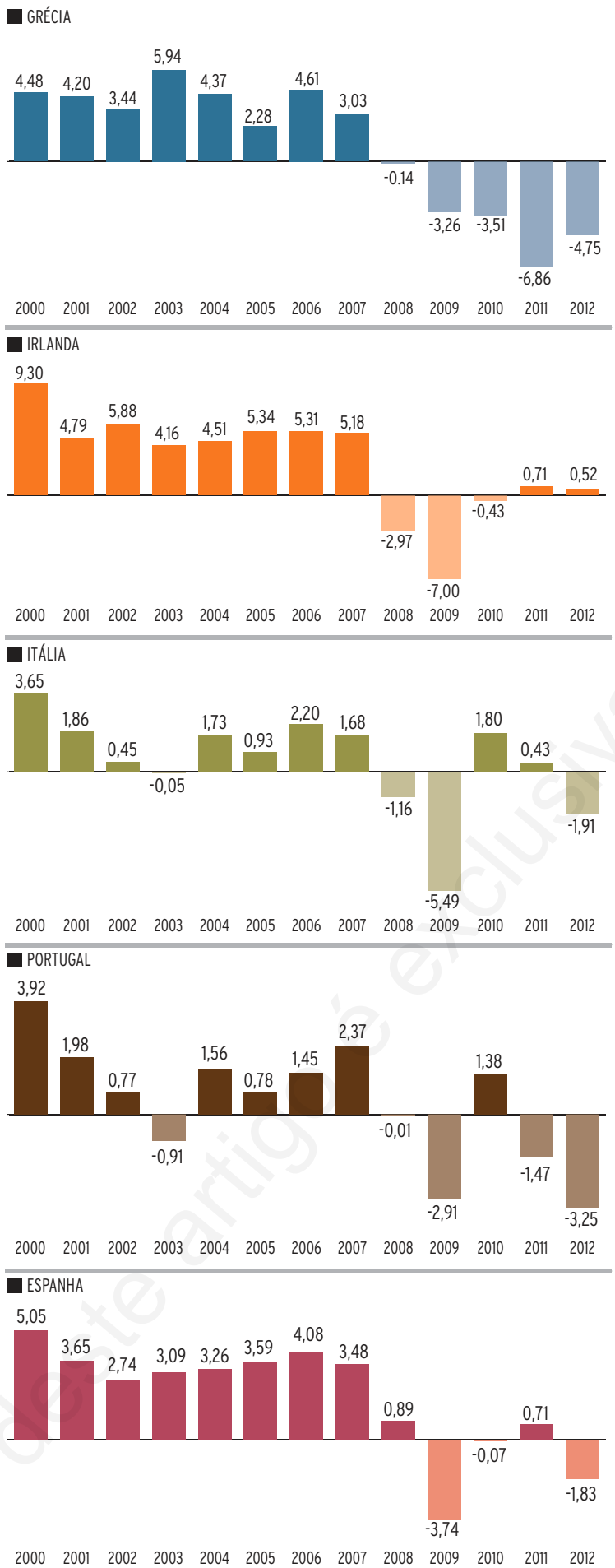
Ontem mesmo o ministro alemão de Finanças, Wolfgang Schäuble, disse em entrevista conjunta com o ministro francês de Finanças, Pierre Moscovici, que ambas as nações farão de tudo para manter a Grécia no euro. "Nós concordamos em fazer todo o esforço possível nesse sentido", afirmou Schäuble.

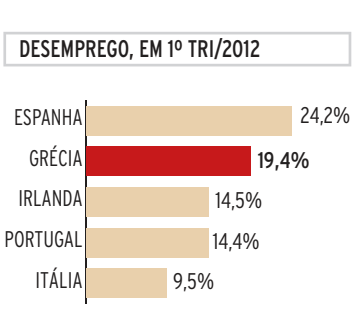
O ministro francês, por sua vez, disse que tanto ele quanto Schäuble concordam que a Grécia possui seu lugar na Zona do Euro, mas Atenas deve respeitar seus compromissos. "A Europa precisa enviar sinais claros de reforço aos investimentos e ao crescimento na Grécia, em um momento no qual o país vive uma forte recessão", declarou Moscovici.

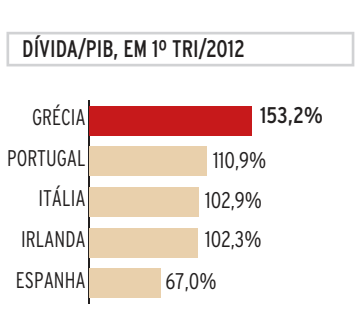
Apesar das declarações de apoio, o caos político grego tem alimentado fortemente a perspectiva de saída do país do euro. "Uma ajuda financeira pode, sem dúvida, postergar os ajustes necessários. O tempo tem jogado contra o euro. Só a Alemanha cresce, por ser mais competitiva, enquanto os demais países enfrentam recessão e elevado desemprego", diz Rodrigo Constantino, do Instituto Millenium. ■ **C. B. com AFP**

NA CORDA BAMBA

Variação do PIB dos países mais expostos à crise europeia, em %







Fonte: FMI

Caso o calote aconteça, Piigs serão os mais atingidos

Para economistas, sistema financeiro europeu não suportaria a crise de credibilidade

Gustavo Machado
gmachado@brasileconomico.com.br

"A saída da Grécia não interessa a ninguém. Haverá uma perda da paridade com o dólar e a base monetária dos bancos irá para o espaço. No dia seguinte à ruptura, o mercado financeiro irá precificará o fim do euro." A previsão apocalíptica de André Perfeito, economista-chefe da Gradual Investimentos, evidencia o temor do mercado financeiro face o calote grego.

Segundo Sidnei Moura Nehme, diretor da corretora NGO, haverá uma crise de credibilidade do bloco em risco, chamado pejorativamente de Piigs (uma analogia a porcos em inglês). "Portugal, Irlanda, Itália e Espanha terão problemas para financiar suas dívidas", diz Nehme.

Para o economista, apesar da situação menos alarmante das outras nações do Piigs, o contágio será praticamente instantâneo. "A desorganização da união monetária irá abalar o sistema financeiro europeu."

"Um tesoureiro de um grande banco, que segura seus ativos para atingir os requisitos mínimos exigidos pelo acordo de Basileia, não poderá emprestar para ninguém em uma região sem boas perspectivas", explica André Perfeito.

Em 2011, a soma das dívidas dos países mais problemáticos chegava a €1,43 trilhão. Com a Itália na conta, o rombo causado por um calote em série chegaria a €3,33 trilhões.

Rafael Martello, da consultoria Tendências, prefere analisar caso a caso para indicar os desdobramentos da crise. "Itália e Irlanda tentam fazer ajustes para diminuir sua dívida. Portugal conseguiu fazer uma reforma trabalhista e a retração da economia foi contida. Já a Espanha tem problemas sérios com os bancos. Enquanto a Grécia está no olho do furacão, as outras economias tentam se dinamizar, mas entrarão na tempestade caso ela quebre", explica.

A moratória da pequena nação mediterrânea também pode criar um precedente político para a região. "A chance de saída destes países aumenta caso a Grécia deixe a Eurozona. Ainda não é possível dizer qual será o comprometimento destas nações com a moeda com o calote grego", complementa Martello. ■

Prejuízo social ainda não foi calculado

Emigração deve apresentar crescimento extremo caso Grécia saia do euro

Além do alto prejuízo econômico e político de uma possível saída da Grécia da Zona do Euro, o custo social desse calote — de dimensões não calculáveis — poderá trazer muito mais ônus aos demais países da região.

"Estamos falando da criação de corredores humanitários pela movimentação de cerca de 1,5 milhão de refugiados econômicos que buscaram a Grécia depois de terem deixado seus lares em países do leste europeu", prevê o professor Leonardo Trevisan, da ESPM.

No ano passado, 23,8 mil gregos emigraram para a Alemanha, país mais rico da Europa, o que é 90% mais do que no ano anterior, segundo dados do governo alemão. Yiannos Papantoniou, ex-ministro das Finanças, alertou há quase um ano para esses riscos. "A Grécia não seria capaz de amparar 11 milhões de pessoas, então haveria enormes fluxos emigratórios", disse ele. "Interrupções e perturbações sociais virão. Eu diria um regime de total anarquia."

A Grécia importa 40% dos alimentos que consome, quase todo o seu petróleo e gás natural, e grande parte dos seus medicamentos. ■ **C. B. com Reuters**

Acesso exclusivo deste artigo é exclusivo para fins educacionais.

Fonte: Brasil Econômico, São Paulo, 22 maio 2012, Primeiro Caderno, p. 4-5.